

RELAÇÕES ENTRE ÉTICA E VIOLÊNCIA EM *O PESO DO PÁSSARO MORTO*, DE ALINE BEI, À LUZ DO CONCEITO DE FORÇA DE SIMONE WEIL

[RELATIONS BETWEEN ETHICS AND VIOLENCE IN ALINE BEI'S *O PESO DO PÁSSARO MORTO* IN THE LIGHT OF SIMONE WEIL'S CONCEPT OF FORCE]

Jorge Alves Pinto

jorge.alves.pinto@aluno.uepb.edu.br

Graduação em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e mestrado em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/ UEPB).

Maria Simone Marinho Nogueira

marianogueira@servidor.uepb.edu.br

Graduação em Letras e em Filosofia Pela UFRN, Mestrado em Filosofia pela UFPB e Doutorado em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/ UEPB); Professora Associada do Curso de Filosofia (UEPB).

DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6081](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6081)

Recebido em: 21 de abril de 2024. Aprovado em: 23 de novembro de 2024

Caicó, ano 17, n. 1, 2024, p. 111-127

ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6081](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6081)

Dossiê Filosofia e Literatura



Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar, pelo viés da violência de gênero, o ato de estupro no romance *O Peso do Pássaro Morto*, de Aline Bei, à luz do conceito de “força” de Simone Weil. A partir das considerações sobre a força e como ela transforma o sujeito em coisa, compreendemos a violência como uma de suas manifestações, levando em conta que alguns grupos sociais – aqui, a mulher –, são frequentemente mais vulneráveis ao exercício da força pelos homens. Embasamos nossa discussão em autores como Weil (1993), Gomes (2014) e Butler (2021), dentre outros.

Palavras-chave: Força. Violência de gênero. Estupro. Ética. Vulnerabilidade.

Abstract: This article aims at analyzing the act of rape that happens in the novel of the Brazilian author Aline Bei, *O Peso do Pássaro Morto*, by the bias of gender violence in the light of Simone Weil's concept of "force". From the considerations on force and how it transforms the subject into things, we understand violence as one of its manifestations, considering that some social groups - here, women - are often more vulnerable to the exercise of force by men. We support our discussion with authors such as Weil (1993), Gomes (2014) and Butler (2021), among others.

Keywords: Force. Gender violence. Rape. Ethics. Vulnerability.

INTRODUÇÃO¹

Em virtude de seu caráter artístico, o texto literário proporciona múltiplas discussões acerca de questões fundamentais para a compreensão do mundo de ontem e de hoje, bem como para um melhor entendimento dos sujeitos responsáveis pela sua construção. Ainda que a *mimesis* aristotélica² seja contestada por alguns, dada sua insuficiência quando da apreensão da arte literária, a seu modo não está equivocada ou mesmo incorreta. Enxergar na poesia a *mimesis* da *práxis* é ficcionalizar o mundo e as relações de tal modo que, observando de fora aquilo que nós mesmos suportamos, possamos enxergá-lo com mais clareza.

No prefácio ao seu único romance, *O Retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde afirma que “*all art is quite useless*” — toda arte é inútil. A afirmação de Wilde nos fornece subsídios para pensar a contemporaneidade que, movida pelos meios de produção e aceleração de informações pelas mídias digitais, preza pela produtividade e utilitarismo exacerbados, promovendo uma verdadeira cultura do descarte, verificável não só no âmbito das coisas, mas, igualmente, das relações interpessoais. Expressar a inutilidade da arte é enfatizar sua importância sem, contudo, prendê-la a quaisquer obrigatoriedades temático-conteudísticas e formais. É pelo seu descompromisso que a arte pode representar uma vastidão de temas e dilemas. Entretanto, é possível estabelecermos um vínculo entre a arte literária e a ética? Caso sim, de qual ética estamos falando?

Candido (2019) aponta que a literatura possui uma função humanizadora. Dentre as características verificáveis desse processo de humanização, ele menciona “a boa disposição para com o próximo”. Não deixa claro, porém, como se dá essa boa disposição ou de que se trata exatamente. Todavia, depreendemos que se refere à sensibilidade no que diz respeito ao sujeito que nos é semelhante e que, assim como nós, enfrenta alegrias e tristezas, e sobrevive aos problemas e desafios que permeiam a trajetória humana. O potencial humanizador do texto literário o aproxima da dimensão ética que compartilhamos, ainda que ele não tenha essa obrigatoriedade, pois, pensar nossa relação com o outro é algo que fazemos continuamente e a literatura pode nos auxiliar quanto a isso.

Conceber a dimensão ética da literatura envolve não apenas a representação de personagens em suas histórias, mas, antes, a existência do texto literário como manifestação de resistência política que viabiliza a materialização de vozes muitas vezes silenciadas ou colocadas em segundo plano. Quando as vozes desses grupos se fazem ouvir pela literatura, seus ouvintes-leitores podem ser mobilizados a cogitar uma mudança no tratamento entre os sujeitos, provocando reparações causadas pelas cisões do preconceito, do machismo, da misoginia, da homofobia, entre outras: “Migrar em direção ao desconhecido é uma espécie de encontro marcado com a materialidade narrativa da alteridade: um mundo cartografado pela voz do Outro” (Oliveira; Barbarena, 2017, p. 19). Deixar que o Outro fale é assumir o compromisso ético da expressão e da escuta, particularmente, quando essa voz é capaz de promover um despertar de consciência para a mudança.

Pensando nessas vozes que encontram na literatura uma forma de manifestação e mesmo de resistência, o presente artigo se debruça sobre o romance *O Peso do Pássaro Morto*, publicado por Aline Bei em 2017. Bei é uma escritora brasileira cuja obra explora a sensibilidade de temas como

¹ Este artigo é fruto das reflexões tecidas na disciplina “Literatura e Ética”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), ministrada no semestre letivo 2022.2.

² Em sua *Ars Poetica* — primeiro tratado literário do Ocidente cujo enfoque é a Tragédia, sua função e estrutura —, Aristóteles afirma que o ser humano aprende por imitação e se compraz no imitado. Para ele, a arte literária é *mimesis* da *práxis*, isto é, uma imitação (ou representação) da imagem do mundo real.

o feminino, a violência de gênero, o abandono, as relações familiares, dentre outros. O romance narra a história de uma mulher que, aos 17 anos, tem sua vida abruptamente mudada por um estupro. Desse ato de violência surge como consequência um filho, a quem ela precisa gerar e dar à luz.

A violência, compreendemos, é uma questão a se considerar quando tratamos de ética, posto que, desde suas formas mais sutis às mais agressivas, é responsável por afetar o comportamento humano, logo, abala suas relações. Embora seja algo universal no que diz respeito ao ser humano, uma vez que só o homem manifesta, conscientemente e em atos, a violência (Pilatti, 2016), há grupos sociais cujas vidas correm maior risco de serem atingidas por formas mais incisivas de violência e isso acontece por motivos profusos, desde o fato de uma mulher desagradar em algo mínimo o seu companheiro, até um imigrante cujas fronteiras do país vizinho lhe são fechadas, por exemplo. Tal raciocínio coloca em evidência quais vidas são, de fato, consideradas vidas — ou seja, quais vidas são enlutáveis e, portanto, passíveis de serem defendidas (Butler, 2021).

De modo a evidenciar como as relações humanas, particularmente verificáveis no romance de Bei (2017), nos permitem enxergar as potencialidades negativas do comportamento humano em sociedade, trazemos como contribuição para essa discussão as reflexões propostas pela filósofa francesa Simone Weil em seu texto *A Ilíada ou o poema da força*³, no qual propõe um estudo minimamente incomum da epopeia homérica. Enquanto há inúmeras reflexões acerca da jornada trágica do herói grego, Weil estuda o mesmo texto à luz da força, elemento que, para ela, configura-se como a principal personagem da *Ilíada*. Posteriormente, definiremos melhor o que a filósofa compreende como “força” e como ela operacionaliza esse conceito para enxergá-lo em diversas partes da epopeia. Ainda de modo a nos auxiliar nessa reflexão, utilizaremos o texto *A antiguidade como modelo de leitura da força na filosofia de Simone Weil* (Puente, 2013), buscando demonstrar, ao longo dessa discussão, como a ideia de “força” que Weil identifica na *Ilíada* é substancialmente atual, acima de tudo quando a pensamos junto às noções possíveis de violência⁴.

Além do conceito de “força”, mostra-se fundamental para nós os estudos sobre a violência e suas possíveis definições (Chauí, 2011), bem como sobre a violência de gênero (Saffioti, 2001; Gomes, 2014; Figueiredo, 2019). Considerando que a violência de gênero presente na narrativa de Aline Bei configura-se principalmente pelo estupro, acreditamos serem igualmente relevantes os estudos que possibilitam compreendermos a relação entre as formas hegemônicas de dominação masculina e a violência (Bourdieu, 2022), além do próprio ato do estupro em si (Bentes, 2016).

Diante do exposto, definimos como objetivo de as presentes reflexões analisar, pelo viés da violência de gênero, o ato de estupro em *O Peso do Pássaro Morto* (Bei, 2017), à luz do conceito de “força” de Simone Weil, a partir das considerações traçadas por esta sobre a epopeia de Homero. Para isso, esse artigo está dividido em mais duas seções principais, além das considerações finais ou transitórias, onde, primeiro, faremos as ponderações teóricas de modo a relacionarmos as noções de força e violência; e, posteriormente, passaremos ao estudo do romance de Aline Bei propriamente dito, buscando articular e melhor desenvolver as relações destes temas.

³ Simone Weil aborda a questão da força em outros textos como *Reflexões sobre a guerra* (que está traduzido para o português no mesmo livro em que se encontra *A Ilíada ou o poema da força* — livro organizado por Ecléa Bosi, 1996): *Réflexions sur la barbarie, Réflexions sur la guerre, Réflexions en vue d'un bilan, Ne recommençons pas la guerre de Troie*. Estes se encontram nos *Écrits historiques et politiques*, 1960, nas duas partes em que estão divididos. Apesar disso, pensamos ser suficiente para o que aqui pretendemos utilizar somente *A Ilíada ou o poema da força*.

⁴ Incluímos, neste sentido, a leitura aguçada que Maria Clara Bingemer oferece-nos sobre o conceito de força em Weil quando afirma: “Impõe-se reconhecer que o conceito de “força” é mais frequentemente encontrado em seu pensamento, sendo mesmo perceptível uma originalidade na maneira como o emprega: ou seja, como uma chave de leitura fundamental para entender as relações humanas e sociais” (BINGEMER, 2007, p. 99).

1 SIMONE WEIL E A FORÇA COMO FORMA DE VIOLÊNCIA

Talvez não muito conhecido e mencionado nos estudos literários e filosóficos do Brasil, o pensamento de Simone Weil, no que tange à força, mostra-se como um caminho possível para estudos relacionados às manifestações de violência na literatura. Embora não tenha citado e postulado em pormenores teóricos a ideia de força, seu estudo da *Iliada* nos oferece uma operacionalização do conceito que, na medida do possível e salvaguardando as ressalvas necessárias para a manutenção do sentido e para não incorrerem em distorções teórico-conceituais, nos é caro para o desenvolvimento dos argumentos aqui expostos.

Simone Weil (1929-1943) foi uma filósofa e pensadora francesa que desenvolveu trabalhos contemplando áreas diversas, desde o interesse pela literatura, especialmente as expressões literárias da Antiguidade grega, até as condições operárias de seu tempo, bem como sua forte relação com a mística e a religião que, a seu modo muito particular, não se vinculam ritualmente a uma crença institucionalizada. Importante dizer que a escrita weiliana possui um forte compromisso com a realidade que habitou e vivenciou, especialmente o contexto da exploração operária e o horizonte da Segunda Guerra Mundial. Quanto a este último, precisou, com a sua família, sair da França ocupada, por terem uma origem judia. Já em relação ao primeiro contexto, ela decidiu entender a opressão dos trabalhadores a partir do chão das fábricas e, assim, experimentou o trabalho árduo em muitas delas por vontade própria. Disso resultou, conseqüentemente, a sua morte, posto que possuía uma saúde frágil, agravada por causa das longas horas insalubres de trabalho nas fábricas francesas.

Nascida em seio burguês e erudito, a pensadora francesa foi, desde muito cedo, cercada por grupos intelectuais que contribuíram para sua formação, inclusive seu único irmão, André Weil, que se tornou um eminente matemático. Era particularmente fascinada pela literatura e pensadores gregos, o que a levou a escrever diversos textos sobre eles, dentre os quais destacamos o ensaio que norteia nossa discussão *A Iliada ou o poema da força*, no qual ela propõe uma leitura do poema sob a ótica da força como sendo a grande personagem e heroína do texto. Os grandes personagens capazes de prodigiosos portentos saem de foco para que, neles e, a partir deles, atue a força. Para Weil, a força é responsável por dobrar a todos, heróis e anti-heróis, pequenos e grandes. Nada escapa a seu “poder”.

Nas palavras de Nogueira (2020, p. 150), a força “igualava vencedores e vencidos e conseqüentemente oprime a todos que a ela estão submetidos ou porque mata, na sua expressão mais sumária, ou porque transforma o homem em pedra ou em coisa, na sua expressão mais sutil”. O trecho citado bem sumariza a ideia de força apresentada por Weil em sua leitura da *Iliada*, pois a força não apenas mata o homem, mas o coisifica e, coisificando-o, o homem se torna já morto. Ao longo de sua análise do poema trágico, Weil nos apresenta essas e outras faces do poder exercido pela força sobre o homem. Tentaremos transpor a seguir que faces são essas, ressaltando, contudo, que nossa leitura é uma interpretação possível do que é colocado por Simone Weil no seu rico estudo sobre a *Iliada*.

A primeira consideração que podemos fazer é a de que a força coisifica o homem. De acordo com a filósofa francesa, "A força é aquilo que transforma quem quer que lhe seja submetido em uma coisa. Quando ela se exerce até o fim, transforma o homem em coisa, no sentido mais literal da palavra, porque o transforma em cadáver" (Weil, 1996, p. 319). É importante pensarmos a força como essa instância subjetiva e disposição destrutiva da alma que pode apresentar resultados e conseqüências concretos quando exercida. É curioso que na definição de Weil, ela aparece como sujeito da oração, é ela que “se exerce” e que “transforma” o ser humano em coisa; como se a força existisse por si só. Todavia, para que se exerça, ela pressupõe o indivíduo que a maneja. Dessa

definição, compreendemos também que seu manejo pelos seres humanos pode ocorrer de diversos modos e, se ao ser exercida “até o fim”, transforma o homem em uma coisa, então podemos pensar em possíveis níveis nos quais a força é exercida, desde níveis “menores” até níveis “maiores”, culminando no máximo que é a transformação do homem em cadáver, seu aniquilamento.

Ao estabelecer uma relação entre o conceito de força e a violência, verificamos que as duas instâncias estão mais próximas do que conseguimos perceber. Do mesmo modo que a força reduz o sujeito a uma coisa, que pode matá-lo transformando-o em cadáver, a violência também possui grande potencial de agir nessa direção. Salvaguardando o fato de que a violência pode ser (re)definida de muitos modos a depender do contexto histórico e cultural do qual tratamos e de que os tipos de violência são quase inumeráveis (Paviani, 2016), podemos apontar, digamos, uma definição geral para a violência ou atos violentos, compreendendo-os como “[...] toda prática e toda ideia que reduza um sujeito à condição de coisa, que viole interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetue relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural” (Chauí, 2011, p. 379).

A definição proposta por Marilena Chauí lembra a noção de força estabelecida por Weil, inclusive das outras faces da força, que apresentaremos a seguir. Confrontados com a leitura de Weil (1996), nos perguntamos: de que modos, então, a força é capaz de subjugar o homem? Sabemos, de antemão, que ela o coisifica e pode matá-lo, contudo, como ocorreria essa coisificação, isto é, diante de quais tipos de eventos e situações? Essas conjecturas aplicar-se-iam apenas aos contextos similares aos da *Iliada*, que é bélico?

Um primeiro modo e mais óbvio de pensarmos como a força subjuga o sujeito é *pelo seu aniquilamento*, ou seja, por sua morte e destruição total. Simone Weil utiliza a morte de Heitor por Aquiles como exemplo para explicar esse aniquilamento. Depois de morto, Heitor-cadáver torna-se tão somente uma coisa, de sorte que Aquiles amarra seu corpo em uma biga e o arrasta, dando voltas ao redor das muralhas de Tróia, não havendo qualquer consideração humana pelo seu corpo, causando verdadeiro horror e espanto aos espectadores. A manifestação da força por meio da ira de Aquiles não só tira a vida do inimigo, como o humilha ao desrespeitar seu cadáver, atingindo diretamente o pai de Heitor que, para conseguir o corpo do filho de volta para realizar os rituais fúnebres, precisa dobrar-se diante de Aquiles. Fazendo isso, o velho Príamo é também submetido aos ditames da força. Não há para ele um outro caminho se quiser reaver o corpo do filho senão ir ter com o seu assassino. De acordo com Weil (1996, p. 382), ao comentar esse episódio da *Iliada*, “Só esse suplicante não estremece, não vibra, não tem mais licença; seus lábios vão tocar o objeto para ele mais carregado de horror... O espetáculo de um homem reduzido a esse grau de desgraça gela quase como gela o aspecto de um cadáver”.

Ainda que esteja vivo, Príamo reduz-se a uma coisa, diante do poder exercido por Aquiles, nos mostrando, desse modo, o aspecto da força que não mata, mas nem por isso deixa de dobrar o sujeito, afetando-o de alguma forma. Intuímos da leitura que um outro modo de subjugar o homem é pela *violência contra a alma*. Não buscamos aqui postular uma definição exata de alma — psychê —, porém compreendemos aqui a alma como a própria subjetividade do ser humano que se torna sujeito, capaz de, ao mesmo tempo, produzir e sofrer as consequências da violência ou da força, uma vez que esta consiste na submissão de algo (Puente, 2013). É precisamente tal submissão constrangedora uma forma de violentar a alma e isso ocorre com Príamo ao beijar a mão de Aquiles porque, diante do guerreiro, o rei de Tróia é feito vulnerável e entregue à misericórdia do *Aristos Achaion*⁵. A própria descrição dos instantes que antecedem a morte de Heitor o mostra imóvel e reticente, suplicante por sua vida, uma vez que sabe estar diante do fim. Quando o sujeito é

⁵ Tratamento dado a Aquiles cujo significado é “o melhor”, “o mais notável” ou mesmo “o mais valente dos gregos”.

coisificado (morto) ainda vivo, sua alma é violentada, pois ela não foi feita para habitar o que é morto, como escreve Weil, “Ela não foi feita para viver numa coisa; quando é constrangida, tudo nela padece de violência” (Weil, 1996, p. 321).

Retomando a definição de violência proposta por Marilena Chauí, notamos também a correspondência com a violência contra a alma, quando afirma que uma forma de violência consiste também em violar o interior de alguém. Não estamos propondo que força e violência sejam a mesma coisa, mas que sua relação se estabelece à medida em que esta configura-se como uma manifestação daquela, o meio pelo qual a força se exerce plenamente. A violação da alma ou do interior parece quase uma forma mais cruel de violência, pois ao não aniquilar de imediato o sujeito, o torna vulnerável, ou pior, o faz sentir-se vulnerável, despindo-o de qualquer forma possível de autopreservação. É uma violência que não aniquila por fora, mas por dentro, contraindo a alma e desconcertando a subjetividade psíquica do sujeito.

Identificamos na análise de Simone Weil um outro modo de subjugação pela força, que é aquela *pela escravidão*, posto que até mesmo quanto aos seus sentimentos “Em tempo algum o escravo tem permissão de exprimir seja o que for, a não ser o que possa agradar ao senhor” (Weil, 1996, p. 324). Não focaremos nossa atenção à questão da escravidão, já que não é algo verificável no texto literário que analisaremos na seção seguinte. Contudo, as instâncias aqui apresentadas, nas quais a força é exercida, apontam diretamente para os relacionamentos estabelecidos entre os sujeitos em sociedade. Como afirmamos, a força pressupõe o sujeito para que seja exercida, ainda que ela seja responsável por aniquilá-lo, levando em consideração que, no contexto de guerra apresentado na *Iliada*, a força não faz acepção de pessoas: pode até ser exercida com maior violência sobre uns do que outros, mas, no fim, afeta a todos, conforme a leitura da filósofa francesa em apreço.

Para Puento (2013, p. 86), a leitura que Simone Weil faz dos gregos aponta para “uma teoria da força que rege soberanamente a esfera social e política”. Em se tratando disto, é mister pensarmos nos diferentes grupos que compõem esta esfera e aqui particularmente nos detemos às mulheres de modo geral como vítimas da violência exercida pelos homens, detentores da força. Compreendemos que tal afirmação é problemática frente a uma suposta vitimização do sujeito feminino (Mardorossian, 2002), contudo, isso levanta uma questão crucial: a vulnerabilidade de certos grupos em detrimento de outros. Para Butler, por exemplo, “o discurso sobre “grupos vulneráveis” ou “populações vulneráveis” tem sido importante tanto para o trabalho feminista a favor dos direitos humanos quanto para a ética do cuidado”. A questão aqui reside na importância de se distinguir a distribuição desigual entre os vulneráveis. Não ignoramos, por outro lado, que a própria noção de vulnerabilidade é complexa ao deixar implícita a existência ou demanda de uma postura paternalista dos grupos não vulneráveis em relação aos que precisam de cuidado ou proteção quando, na verdade, “o momento exige obrigações sociais recíprocas” (Butler, 2021, p. 67).

Dito isto, na próxima seção do presente artigo, tentaremos relacionar esses modos violentos de subjugação do homem pela força aos eventos do romance de Aline Bei (2017), *O Peso do Pássaro Morto*. Em seu texto, lidamos diretamente não com qualquer tipo de violência, além de não se tratar de uma guerra política, mas, antes, uma espécie de guerra social e ideológica travada entre as mulheres e o machismo, que exerce a força sobre elas de modo a manter seu sistema em toda sua imponência, destarte revelando suas fragilidades que afetam a mulher em um nível e o homem, em outro.

2 O SUJEITO VIOLADO E O ESTUPRO COMO MANIFESTAÇÃO DA FORÇA

Em *O Peso do Pássaro Morto*, acompanhamos a história de uma personagem feminina não nomeada, aspecto este que, do ponto de vista interpretativo, aponta para a representação de todas as mulheres que sofrem violência. Em seu romance, Aline Bei expõe, na narrativa em primeira pessoa, com sensibilidade e ao mesmo tempo com cruzeza, o estupro sofrido por sua protagonista e as consequências de tal ato que a acompanham até o fim da vida. A construção desse romance estetiza a dor sem romantizá-la, denunciando a vileza e covardia que aflige a vida de mulheres diariamente no Brasil e no mundo, levantando, com isso, a urgência de um compromisso ético no que tange ao bem-estar das relações humanas e o cenário de violência que pode ser retratado pela literatura, por meio de uma identificação ou um chamado à resolução de problemas através das ações de um outro, da alteridade do sujeito literário, neste caso em particular. Acreditamos, portanto, que “enquanto espaço de resiliência e resistência, a literatura ainda se configura como uma prática de experimentação radical da alteridade” (Oliveira; Barbarena, 2017, p. 18). Passemos, então, ao romance propriamente dito.

Longe de um contexto sombriamente grandioso de guerra como o apresentado na *Iliada*, a narrativa de Bei está ambientada em uma cidade brasileira e os cenários são urbanos e domésticos. Não há grandes feitos e tampouco há heróis, mesmo assim é possível observar como são hodiernas as manifestações da força nas relações sociais. Temos acesso à história da protagonista desde a sua infância, que demonstra ou antecipa uma vida cercada pela violência ou pela morte. Aos oito anos, ela sofre sua primeira perda, a morte da melhor amiga Carla, que é atacada por um cão bravo quando ela decide pular o muro de um quintal para bisbilhotar o próprio cão que lhe ataca. A protagonista lamenta profundamente a morte da amiga e passa a indagar o que é a morte e porque as pessoas morrem. Vai até a casa de seu Luís, um velho sábio e seu vizinho, espécie de benzedor. Ela pensa: “vai que ele possa mesmo benzer a minha dor? e fazê-la parar”, mas não pode. A (im)possibilidade de curar a dor é algo que perpassa o livro do início ao fim. Conversando com seu Luís, surge este diálogo: “– por que as pessoas morrem?/ – tudo o que é vivo morre, você já teve um peixe? eles morrem muito. Todo mundo morre muito, se não for de uma coisa é de outra.” (Bei, 2017, p. 23). A resposta de seu Luís parece funcionar como uma antecipação do que a protagonista ainda vai enfrentar no futuro.

Em outra ocasião, não distante do falecimento de Carla, a personagem também perde seu Luís e sua morte a desconcerta demasiadamente. Em um diálogo que tem com sua mãe depois da morte da amiga, a mãe tece conjecturas sobre o céu e a saudade, e a narradora protagonista assim descreve: “[...] o céu/ guarda a parte viva da pessoa/ aquela coisa que/ não morre nunca, não a saudade/ a saudade é amor e é dos vivos, / estou falando da coisa viva que fica nos mortos, / minha mãe chama de:/ *alma*” (Bei, 2017, 28 grifo da autora)⁶. Trazemos esse trecho para observarmos a descrição da alma feita pela mãe da protagonista e como ela se contrapõe ao que Weil (1996) aponta acerca da impossibilidade de a alma habitar o que está morto, posto que é feita para habitar o que está vivo⁷. Para a mãe da personagem de Bei, a alma é a parte viva que habita os

⁶ A presença das barras dividindo partes das frases em todas as citações do romance se justifica por ser uma obra escrita em versos. A narrativa de Aline Bei possui esta característica formal: os limites entre o lírico e o épico se confundem, de modo que se trata de um romance altamente poético, repleto de instâncias líricas, corroborando o que Rosenfeld (2020) afirma da impossibilidade de uma “pureza” no que concerne aos gêneros literários. Ressaltamos ainda que a forma contribui para a compreensão do conteúdo estabelecendo uma unidade, ainda que, no presente texto e dado o seu escopo, não façamos um estudo minucioso da forma e estilo de escrita da autora.

⁷ É importante destacar que, apesar do contraponto, há dois planos diferentes aqui: a mãe da protagonista de Bei fala sobre o transcendente, ou seja, sobre a imortalidade da alma em um corpo que está morto. Já Simone Weil aborda a

mortos, mas diante do sofrimento e da violência que a protagonista sofre no romance, cabe também questionarmos: e quanto a coisa morta que fica nos vivos, o que é, como a nomeamos, se é que é possível nomeá-la? Mais à frente a personagem descobre e experimenta permanecer viva enquanto algo dentro de si está morto. Parece até mesmo uma resposta cruel a um de seus questionamentos metafísicos de infância: “queria saber como é morrer, você me conta?” (Bei, 2017, p. 41).

Há uma lacuna temporal no enredo, pois dos eventos que acontecem aos oito anos de idade, passamos aos dezessete anos da personagem, período em que o evento mais significativo ocorre. Um dia, ela está com uma amiga em um festival de *rock* e, em meio ao frenesi dos shows e uma bebida ou outra, ela beija a própria amiga e outro rapaz por quem se sente atraída. Alguém fotografa esses eventos e, posteriormente, essas fotos são divulgadas e se tornam assunto na escola em que estuda. Não seria um problema se Pedro, um rapaz com quem ela vinha estabelecendo relações esporádicas, não tivesse visto as fotos. Essas fotos são espalhadas entre os círculos de amizade da escola, levando as pessoas a apontarem Pedro como “cornô”. Isso o deixa furioso e a partir de então ele passa a demonstrar um comportamento violento para com a personagem: “e ele fugindo de mim com o punho/ cerrado, a boca/ molhada enchendo os corredores/ com as letras/ P U T A / o que aos poucos foi me deixando/ realmente/ Puta” (Bei, 2017, p. 52). Percebemos nos gestos de Pedro uma inclinação violenta, seja na forma do punho cerrado, contido, pronto a desferi-lo a qualquer momento, seja no modo como se refere à personagem, envergonhando-a publicamente ao chamá-la de “puta”, aspecto esse que fica destacado no texto nas letras em caixa alta.

Aqui cabem algumas considerações acerca da manifestação da violência e, particularmente, da violência de gênero. A protagonista de *O Peso do Pássaro Morto* sofre o que entendemos por violência de gênero, pois de acordo com Gomes (2014, p. 784-785) “Na construção social, a violência de gênero pode ser identificada quando se atribui simbolicamente ao feminino uma posição inferior, na qual a mulher passa a ser vítima preferencial e crônica da opressão física, moral ou sexual de um homem”. Tal categoria de violência, sabemos, é fruto da dominação masculina sobre o sujeito feminino e suas tentativas de manutenção de um sistema que privilegia o homem como superior e a mulher como inferior, relegando ao homem uma instância maior de poder sobre a mulher, fazendo com que pense ter o direito sobre o corpo feminino, bem como sobre sua subjetividade.

Verificamos, nos casos de violência contra a mulher, um empreendimento por parte do homem que é alimentado pelo desejo de vingança, uma forma de defender e manter a honra ferida. Reputamos como fundamental compreender as fragilidades em torno da construção da masculinidade ou das diversas expressões de masculinidade, pois, como afirma Saffioti (2001, p. 122) “[...] trabalhando-se apenas uma das partes da relação violenta, não se redefine a relação, seja ela marital, filial ou a que envolve outras personagens. Há, pois, que investir na mudança não só das mulheres, mas também dos homens”. Pensar em redefinir a performance masculina de gênero é pensar em deslocar a desigualdade de poder que ainda perpassa os círculos sociais masculinos. Vemos que a reação de Pedro para com a protagonista é um sintoma de uma masculinidade construída sobre a égide do medo de desapontar os parceiros/cúmplices masculinos que vigiam e inspecionam a honra uns dos outros, desde cedo promovendo e fomentando entre si comportamentos agressivos como formas de demonstrar sua masculinidade e virilidade (Welzer-Lang, 2001).

questão no plano do imanente, quer dizer, um corpo transformado pela força em uma coisa é como uma morte em vida e, no plano imanente, isso é um contrassenso, já que a alma é a própria vida do corpo.

Este modo de se compreender como homem traz custos altíssimos para as mulheres e quaisquer outras identidades de gênero que não se constituem e se definem conforme os preceitos hegemônicos estabelecidos (Matos, 2001). Nesse sentido, a protagonista do romance em questão é vítima da honra magoada de Pedro que, em uma noite, quando ela estava em casa sozinha, bate-lhe à porta, entra na casa, ameaçando-a e, por fim, estuprando-a. Observemos, no trecho a seguir, como a cena que antecede o estupro é descrita: “desci as escadas correndo num quase tropeço./ quando abri a porta/ o Pedro/ tinha 1 Faca/ que colou no meu pescoço./ meu grito morreu no estômago/ junto com o chute que ele me deu” (Bei, 2017, p. 58). Nesse momento, a personagem encontra-se completamente encurralada e com sua vida em risco pelo gesto violento de Pedro, de modo que nos lembra, inclusive, dentro dos seus respectivos contextos, o comportamento reticente de Heitor ante a própria morte por Aquiles. Vemos que a força, atuando aqui por meio do gesto de Pedro, já coisifica a personagem, já que diante dele, ela agora não passa de mero objeto, cuja mínima reação pode tirar-lhe à vida, pois “[...] um homem desarmado e nu contra o qual se dirige uma arma torna-se cadáver antes de ter sido atingido diretamente” (Weil, 1996, p. 321). Pedro tem a vida da personagem nas mãos ao colocar uma faca no pescoço dela. E a narrativa prossegue com expressões cruas e fortes da mais terrível violência que uma mulher pode sofrer, restando à personagem, *entre a reza e o pulo*, “ficar dura e estranhamente pronta/ pra morrer” (Bei, 2017, p. 58).

Traçando um rápido paralelo entre a violência sexual aqui descrita e o contexto da *Iliada* sobre o qual Weil (1996) discute, lá também as mulheres que eram tomadas como “prêmios de guerra” eram violentadas e estupradas. Trata-se de mais uma forma pela qual a força atinge os sujeitos. Na narrativa de Bei, a protagonista é brutalmente atingida ao ponto de tornar-se como que uma coisa, *dura e pronta pra morrer*. Quando parece não haver mais escapatória e quando se sente a potência transformadora da força, o sujeito já não é. São nesses breves instantes que a alma sofre a influência da força, é também violentada, torna-se uma coisa em um corpo vivo e, por isso, esse corpo não é capaz de reagir. A impossibilidade de reação verifica-se na forma como Pedro aborda a personagem de modo quase descontrolado e ágil, o que fica visível na forma como o verso progride rapidamente mencionando ações e palavras quase sem pausa, fazendo eco as palavras da filósofa francesa, que aqui citaremos com uma pequena modificação: “Do poder de transformar *a mulher* em coisa, fazendo-a morrer, procede um outro poder — prodigioso sob uma outra forma — o de transformar em coisa *uma mulher* que continua *viva*” (Weil, 1996, p. 320). Ainda sobre a alma que sofre a violência de habitar uma coisa, Simone Weil questiona: “Quem dirá quanto lhe custa, a cada momento, conformar-se, torcer-se, dobrar-se sobre si mesma?” (Weil, 1996, p. 321).

A cena descrita do romance de Bei exprime um episódio de extrema vulnerabilidade que atinge diretamente o corpo da mulher. Embora não tenhamos discutido de maneira aprofundada a relação entre corpo, violência e sujeito, faz-se crucial destacar que as marcas da violência, os louros da força, além da alma, são inscritas no corpo. A personagem, em posição de vítima, perde toda a autonomia com relação a seu corpo e é nele que se inscreve o paradigma da sexualidade humana, o que nos leva a conjecturar as razões pelas quais os homens que promovem a cultura do estupro têm como alvo a sexualidade feminina. Não possuímos arcabouço suficiente para responder à indagação levantada, contudo, compreendemos que pelo fato de os órgãos genitais serem fatores irrevogáveis na inscrição da sexualidade dos sujeitos, os homens buscam ferir a mulher neste aspecto, tolhendo-lhe o prazer e plantando a dor. Por isso mesmo tantas mulheres, depois de sofrerem tal violência, desenvolvem problemas diversos com o próprio corpo, seja no que diz respeito à autoestima, aos relacionamentos interpessoais e à vida sexual (Souza et al., 2012). Desse modo, concordamos com Silva e Henning (2011, p. 71) quando alegam que, “ao construirmos um discurso crítico sobre o sujeito, não deixa de ser lógico que o valor ao corpo deva ser retomado como ponto de sustentação para a identidade”.

Ao levar em consideração como o corpo é subjugado pela força, trazemos abaixo a continuação do episódio de estupro: “ele abaixou as calças/ abriu minhas pernas/ e meteu com pressa/ de olho/ fechado, a cara toda/ cerrada/ de gozo e nenhum ódio,/ o ódio agora/ era meu./ Acabou/ e eu melada O chão/ de ardósia O Pedro/ subiu as calças/ virou as costas/ e saiu” (Bei, 2017, p. 59-60). Dois elementos chamam atenção no trecho citado, (1) a própria capacidade de o homem ir até essas consequências sem sequer questionar o que está fazendo, inclusive Weil escreve que aquele que possui a força parece ser incapaz de julgar com clareza e dar lugar ao pensamento, de sorte que “onde o pensamento não tiver lugar, nem a justiça nem a prudência o terão. Eis porque esses homens armados agem dura e loucamente” (Weil, 1996, p. 327). Partimos do pressuposto de que nossa constituição psíquica também é responsável por conter nossos atos mais extremos em prol da retaliação externa que possamos sofrer, bem como em prol de um morno bem-estar social, para utilizarmos as palavras de Freud (2011); e (2) o prazer que ele sente na dor da personagem, o ódio que antes sentia dissolve-se no prazer, como se estivesse cumprindo uma tarefa cotidiana. A narração aponta que ele sobe as calças, vira as costas e sai, simplesmente. É como se sua masculinidade expressasse: “Dever cumprido. Não há mais débito consigo mesmo. És um homem de verdade!”.

Argumentamos que o estupro é, obviamente, uma forma de agressão e, por isso, uma manifestação da força. Seu caráter deletério e subjugador excede muitas outras formas de violência, por atingir profundamente corpo e alma. Todo o problema do estupro invariavelmente traz à tona a questão da vulnerabilidade a qual apontamos na seção anterior. Ao considerarmos que há grupos vulneráveis e grupos não vulneráveis, imediatamente compreendemos que os grupos que não carecem de vulnerabilidade deveriam, por sua vez, assumir uma certa responsabilidade de cuidado e proteção para com os vulneráveis (Butler, 2021). Contudo, aqui se instaura uma ambivalência, pois há grupos mais vulneráveis que outros. Um exemplo disso verifica-se nas questões interseccionais no que diz respeito à mulher, pois, apesar de existir a “mulher” enquanto categoria gendrada e social, ela se expande em diversas representações, de modo que a mulher branca de classe média ou alta não lida com questões com as quais a mulher negra e pobre, a título de exemplo, precisa enfrentar em uma luta pela sobrevivência; isso sem entrarmos na questão das mulheres trans e travestis. Não queremos com isso elencar quem sofre mais ou menos as falhas morais promovidas por um arranjo ético excludente, mas ressaltar que para certos grupos sociais, o estado ou situações de vulnerabilidade são potencializados.

Outrossim, a ideia de que os grupos não vulneráveis devem conceder assistência e cuidado aos grupos vulneráveis é permeada por uma questão ética: como esses sujeitos privilegiados vão prestar assistência se é desse privilégio mesmo que surge a violência? É como entregar o cordeiro aos cuidados do lobo. Nossa visão pode parecer pessimista, contudo acreditamos, que é urgente uma educação para as relações que afirmam a igualdade de todas as vidas, respeitando suas diferenças. Um homem que é abusivo e comete toda sorte de atrocidades pode reproduzir o discurso de que “não é machista, pois tem uma mãe e irmãs, e as ama”. Ter contato e apreço pelas mulheres do núcleo familiar não é garantia de que esse homem vai tratar com respeito as mulheres de fora da família ou nunca vai cometer um ato violento, uma vez que egóicos que somos, até julgamos a nossa vida e a dos nossos como defensáveis, mas nem sempre a vida do outro entra nessa equação. Além do mais, ao compreendermos que somos seres dependentes do outro, não existimos nem subsistimos sozinhos:

É precisamente aí que surge a ética, pois sou obrigada a preservar os laços conflituosos sem os quais eu não existiria e não seria plenamente concebível. Portanto, lidar com o conflito e negociar a ambivalência é

primordial para impedir que a raiva assuma conformações violentas (Butler, 2021, p. 88).

Diante do exposto, cabe ainda retomarmos a pergunta que fizemos no início desta seção, “o que é a coisa morta que fica nos vivos?”. Após o estupro, há uma passagem de tempo na narrativa e somos apresentados ao bebê fruto da violência. A história não dá margem para afirmarmos que a protagonista tenha tentado realizar um aborto ou mesmo para sabermos o que acontece depois do estupro, nem como ela lida com a situação. Posteriormente, entendemos que ela não é capaz de falar disso para ninguém e que os pais dela interpretam sua gravidez como sendo apenas uma irresponsabilidade juvenil, da qual ela teria que arcar com as consequências.

Percebe-se uma vida marcada pelo trauma, evidenciado pela sua impossibilidade de compartilhar isso com quem quer que fosse e pela aversão que sente pelo filho, vendo nele a imagem do homem que a estupro. Nas circunstâncias em que acontece, ela não consegue exercer a maternidade, vivendo uma relação distante e conflituosa com o filho, tanto o é que em determinado momento, depois que ele se casa e vai morar fora do Brasil, diz para si mesma que não é mãe e rompe o laço com um filho de quem nunca consegue se fazer próxima. Até o dia de sua morte, já beirando a velhice, a personagem apresenta um caráter depressivo e melancólico. A violência que sofre na adolescência a faz carregar essas marcas a vida inteira.

Quando criança, ela perguntava como deve ser estar morta e, infelizmente, parece descobrir a resposta a essa pergunta, sentindo-a na própria pele. Parece-nos um exemplo claro da força que não mata, mas que ainda assim transforma o sujeito em uma coisa. De acordo com Weil, o homem-coisa

[...] é uma outra espécie humana, um compromisso entre o homem e o cadáver. Há uma contradição do ponto de vista lógico no fato de que o ser humano seja uma coisa, mas quando o impossível se tornou uma realidade, a contradição se torna na alma dilaceramento. Essa coisa aspira a cada momento ser um homem, uma mulher, e não consegue, em nenhum momento. É uma morte que se estende ao longo de toda uma vida; uma vida que a morte congelou muito antes de suprimi-la (Weil, 1996, p. 323).

A citação de Weil sobre a condição do ser humano tornado coisa esclarece bem o que acontece com a protagonista de *O Peso do Pássaro Morto* para quem parece restar poucas alegrias no curso de sua vida. De fato, especialmente quando tem o filho, a personagem se questiona se consegue ser mãe, e que mulher ela é, ao perceber a impossibilidade de cumprir os ditames da maternidade conforme o esperado. Interessante observarmos que até mesmo a necessidade de cuidar do filho, se doar para ele, é uma forma de violência, pois além de despojada de sua humanidade, ter a integridade física ameaçada e violada, sua integridade moral e — acrescentaria psíquica — passa por um processo de sujeição e fortes inseguranças (Bentes, 2016).

Para Simone Weil, ninguém detém de fato a força, uma vez que seus efeitos são intercambiáveis e podem se voltar contra aqueles que pensam detê-la, controlá-la. No plano do romance de Aline Bei, vemos impune alguém que detinha a força, porquanto a narrativa não explica o que acontece com Pedro posteriormente, mas tudo leva a crer que ele permanece livre, até porque a personagem nunca foi capaz de denunciar a violência cometida por ele. O romance nos proporciona refletir sobre os inúmeros casos de mulheres-pássaros cujas asas foram e são cortadas

diariamente e não têm qualquer apoio para lidar com a situação. Além disso, nossa reflexão precisa se estender aos homens e aos ideais de masculinidade que têm sido propagados e desenvolvidos. A ideia de uma dominação masculina (Bourdieu, 2022)⁸, embora limitada frente às relações de poder entre os gêneros, ainda vigora em muitos contextos, produzindo homens cuja manutenção de uma suposta honra intocável deve estar acima de qualquer coisa e defendida a qualquer custo. São esses homens que, ao deter a força em suas mãos, saindo ou não impunes, promovem violências como atos louváveis e colocam em situação de risco diversos grupos sociais.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Buscamos traçar possíveis relações existentes entre a violência, instância comum ao ser humano, e a noção de força da filósofa francesa Simone Weil. Não obstante seja sempre conflitante discorrer sobre violência por causa de sua multiplicidade de sentidos e expressões a depender do referencial a partir do qual a pensamos, o que Weil (1996) entende como força, particularmente seu potencial para transformar o ser humano em uma coisa, infringindo-lhe sofrimento e retração da alma, em muito se aproxima da definição geral adotada por nós em que Chauí (2011) reitera a questão do homem-coisa. Procuramos, igualmente, defender a hipótese de que a violência opera como uma manifestação da força, algo que pode configurar uma obviedade, contudo, a força pressupõe uma ação humana para que seja exercida e, sendo o humano violento por natureza, é capaz de exercê-la a seus moldes, mesmo quando esta, ingovernável segundo Weil (1996), volta-se contra o homem que pensa detê-la.

Em nosso texto, a força assume um sentido danoso, não encontramos nela aspectos positivos, pois nos baseamos em Puente (2013) quando afirma que a força é a barbárie. A partir disso é que apontamos a violência como instrumentalização da força, em seu sentido destrutivo e, por conseguinte, negativo. Não fizemos uma discussão profunda acerca da ambivalência da própria violência, mas temos ciência de que a depender do quadro referencial de quem detém o poder ou a força, a violência, do ponto de vista desse(s) sujeito(s) em particular, pode parecer algo positivo e necessário. Basta nos perguntarmos a quais propósitos ela serve, se ela é um meio ou um fim para alcançar algo. Consoante Butler (2021, p. 112), “Tudo o que for chamado de “violência” passa a ser considerado violento sob uma perspectiva específica, arraigada em um quadro referencial definidor” e, por esse motivo, definimos que estamos lidando com a noção de violência de gênero. Ao estabelecermos esse quadro referencial, assumimos uma posição crítica em relação aos papéis socioculturais de gênero e como eles contribuem para manutenção da violência contra aqueles mais vulneráveis.

A violência de gênero pode ser exercida de diversos modos, dentre os quais enfatizamos a violação sexual do corpo feminino conforme narrado na obra de Aline Bei. Infelizmente, os

⁸ A dominação da qual fala Bourdieu se exerce por meio do que ele aponta como dominação simbólica e esta consiste em “[...] uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos” (Bourdieu, 2022, p. 69). Ou seja, trata-se de um processo cultural de construção e inscrição da diferença dos corpos – corpos esses que são gendrados –, que coloca sobre o corpo masculino um poder que “lhe é próprio” e sobre o corpo feminino o lugar de obediência e de submissão. A dominação masculina, ainda segundo Pierre Bourdieu, exerce-se na manutenção da honra e da virilidade e isso se dá, inclusive, colocando a mulher em permanente estado de insegurança corporal e dependência simbólica.

modelos de masculinidade sobre os quais os homens constroem sua subjetividade são modelos que sublinham a honra e mesmo o ódio ao feminino, perceptível não apenas, mas principalmente, nas camadas mais conservadoras da sociedade. Há modelos diversos de masculinidade existentes a depender do local, época, grupo etário, dentre outros fatores, mas enquanto o sistema patriarcal continuar a conceder ao homem a primazia de voz e governabilidade desde o núcleo familiar, acreditamos que os problemas envolvendo a violência de gênero e a misoginia estarão longe de terminar. Ainda assim, isso já é algo constatado, é uma realidade com a qual precisamos lidar (e lutar). Portanto, torna-se urgente entender como as relações entre os gêneros ainda produzem violência e deter nosso olhar sobre a educação e a constituição dos homens, (re)pensando e (re)fazendo masculinidades saudáveis, em primeiro lugar para o próprio sujeito masculino, de modo que isso reflita no resto da sociedade e nas relações sociais. Retirar do homem a primazia da força é um possível caminho para relações pessoais mais equitativas.

O estupro infelizmente tornou-se sobretudo uma prática cultural (Figueiredo, 2019), de modo que os agentes dessa prática compartilham funções e papéis sociais. Isto posto, importa para nós enxergar os participantes dessa prática, desde os perpetradores da violência até suas vítimas e, diante disso, surge a indagação: há pessoas mais suscetíveis a esse tipo de violência do que outras? A história nos mostra que as mulheres compõem esse grupo de pessoas que estão mais vulneráveis por serem geralmente vistas como propriedades dos homens. Contudo, ao longo do presente artigo, discutimos a legitimidade da noção de vulnerabilidade, chegando ao entendimento de que é necessário, antes, identificar dentre os vulneráveis as desigualdades no tratamento a esses grupos e, principalmente, caminharmos para uma ética em que as vidas, todas elas, sejam consideradas como vidas, porquanto só protegemos e defendemos aquelas as quais reputamos lamentáveis as perdas, logo qualquer perda deve ser considerada lamentável (Butler, 2021).

O Peso do Pássaro Morto, ao representar essa personagem sem nome que simboliza tantas mulheres que sofrem diariamente o mesmo calvário, possui, além de seu valor estético, um valor ético-político. A partir da história narrada, somos capazes de enxergar com maior sensibilidade o problema em questão e, para retomar a ideia de humanização de Antonio Candido, permitir que cresça nossa boa disposição para com o próximo, haja vista a proximidade entre a vida e a arte. Existem, por conseguinte, enquadramentos éticos e comportamentais dentro da obra que podemos analisar neste artigo. Ressaltamos, contudo, que se trata de um estudo que buscou iluminar apenas alguns aspectos que podem ser lidos na obra de Bei (2017) e, assim, procura colaborar com sua fortuna crítica produzida até então.

Por fim, retomamos a importância de narrativas como essa, que exibem o compromisso ético da própria autora, inscrevendo seu romance na lista de outros que, ao abordar questões pertinentes na contemporaneidade, contribuem para uma discussão acerca do próprio comportamento humano e as relações sociais frente aos impulsos da violência. Embora não possua esta imprescindibilidade, o texto literário pode fornecer meios para revisarmos nossas práticas culturais e como elas afetam os sujeitos sociais, considerando suas diferenças e múltiplas identidades. A violência sempre nos acompanhará devido a nossa natureza humana, porém, gostaríamos de encerrar esse texto evocando a ideia de não violência proposta por Butler (2021, p. 119) quando diz que esta “[...] se torna uma obrigação ética à qual estamos ligados precisamente porque estamos ligados uns aos outros”. O projeto de não violência mostra-se como um caminho para lidarmos com seu caráter destrutivo. Seria possível, questionamos, desenvolver e colocar em prática um projeto ético que limite o exercício da força que, mesmo na contemporaneidade marcada pelo avanço cultural e tecnológico, ainda dobra e coisifica tantos sujeitos?

Relações entre ética e violência em *O peso do pássaro morto*, de Aline bei, à luz do conceito de força de Simone Weil
PINTO, Jorge Alves; NOGUEIRA, Maria Simone Marinho

REFERÊNCIAS

BEI, Aline. **O Peso do Pássaro Morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BENTES, Hilda Helena Soares. *A via crucis do corpo da mulher: trajetos de violência na literatura brasileira sob a ótica dos direitos humanos das mulheres*. **Anamorphosis — Revista Internacional de Direito e Literatura**, v.2, n. 1, p. 147-167, 2016. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/222>. Acesso em 09 de fevereiro de 2022.

BINGEMER, M. C. **Simone Weil: a força e a fraqueza do amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. - 20ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

BUTLER, Judith. **A força da não violência**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

CHAUÍ, Marilena. Ética e Violência no Brasil. **Revista Bioethikos** - Centro Universitário São Camilo – v. 5, n. 4, p.378-383, 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bic-3638>. Acesso em 09 de setembro de 2022.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

GOMES, Carlos Magno. O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. **Revista Estudos Feministas** [online], v. 22, n. 3, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/mGcGqD7dyg3YsRGrXhJJGSj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 26 de novembro de 2022.

MARDOROSSIAN, Carine M. Toward a New Feminist Theory of Rape. **Signs**, vol. 27, No. 3, pp. 743-775, 2002. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/337938?journalCode=signs>. Acesso em 8 de fevereiro de 2023.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades em foco: a masculinidade. História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/2658>. Acesso em 12 de outubro de 2022.

Relações entre ética e violência em *O peso do pássaro morto*, de Aline bei, à luz do conceito de força de Simone Weil
PINTO, Jorge Alves; NOGUEIRA, Maria Simone Marinho

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Filosofia e espiritualidade em Simone Weil à luz da miséria humana. **Aufklärung: revista de filosofia**, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/56749>. Acesso em 03 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, R. P. de.; BARBERENA, R. A. Literatura e ética: notas para um diálogo que não se acaba. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 51, Agosto de 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/x6yk9YM93B6pFyFXWNCcdXp/?lang=pt>. Acesso em 16 de fevereiro de 2023.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, Maria Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 8-20.

PILATTI, Carolina de Almeida. Violência e filosofia. In: MODENA, Maria Regina (org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2016, p. 28-36.

PUENTE, Fernando Rey. **Exercícios de Atenção: Simone Weil leitora dos gregos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. Editora Perspectiva SA, 2020.

SAFFIOTTI, Heleieth I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **cadernos pagu** (16) 2001: pp.115-136. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/gMVfxYcbKMSHnHNLrqwYhKL/>. Acesso em 13 de março de 2023.

SILVA, Rafael; HENNING, Leoni. A construção da subjetividade: notas sobre o sujeito. **Maringá**, v. 33, n. 1, p. 67-74, 2011. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/download/9439/9439/>. Acesso em 22 de novembro de 2022.

SOUZA et al. Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. **Reprodução & Climatério**, Volume 27, n. 3, Set. – Dez. 2012, p. 98-103. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-743171>. Acesso em 08 de outubro de 2022.

WEIL, Simone. *Ilíada ou o poema da força*. In: BOSI, E. (Org.). **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2. ed. rev., trad. de Therezinha Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 379-404.

DOI: [10.25244/1984-5561.2024.6081](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.6081)

Relações entre ética e violência em *O peso do pássaro morto*, de Aline bei, à luz do conceito de força de Simone Weil
PINTO, Jorge Alves; NOGUEIRA, Maria Simone Marinho

Weil, Simone. Reflexões sobre a guerra. In: BOSI, E. (Org.). **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2. ed. rev., trad. de Therezinha Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 217-218.

WEIL, Simone. **Écrits historiques et politiques**. Paris: Éditions Gallimard, 1960.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 460-482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 18 de maio de 2023.